

## **RODA DE PROSA**

### **3 – Diferentes sujeitos da EJA**

A roda contou com dezenove (19) delegados sendo representantes Rio de Janeiro Santa Catarina, Pernambuco, Amazonas, Rondônia, Sergipe, Distrito Federal, Amapá e Paraná dos segmentos de educandos, educadores, governos municipais e estaduais, ong, universidade, observadora da UNESCO.

Os trabalhos foram coordenados Professora Rosangela Gonçalves de Oliveira e como relatora Maria Rosa Cucolo Karling.

A dinâmica inicial consistia na apresentação dos participantes da roda cada um dos presentes dizia o nome, de que estado vinham e a qual segmento pertencia.

A coordenação encaminhou a inversão da pauta para aprovação do grupo, que aprovou o encaminhamento.

Desta feita as os participantes relataram suas experiências com ênfase na temática da roda conforme descrito a seguir:

O educando Earles da cidade de Angra dos Reis (RJ) trouxe para coletivo seu testemunho de vivência de exclusão e vontade de retomar os estudos interrompidos devida a necessidade de sobrevivência e para cuidar do pai. Ao procurar a escola na tentativa de retorno teve a matrícula negada pela responsável, que a preencheu e logo em seguida a rasgou, alegando não ter mais vagas naquele ano e orientando para que o educando retornasse no próximo ano.

Ele volta no ano seguinte mais tomou o cuidado de procurar outra pessoa, agora a diretora da escola, para efetuar sua matrícula. Atualmente cursa a 7ª série da educação básica. E completou enfatizando a necessidade do aluno ser respeitado e que tem o direito de estudar.

Em seguida, o professor representante de Santa Catarina reforçou que esse depoimento evidencia a questão de ir e vir, que aparece ou é trabalhado com preconceito, mas que essa situação ilustra bem a questão de trajetória de vida, isto é, a diversidade, ou seja, a trajetória de coletivos, excluídos do espaço escolar. Por isso, propõe que seja respeitado o tempo do sujeito.

A professora Graça do Rio de Janeiro ponderou a respeito do tempo do sujeito, prática essa que presente na cidade do Rio de Janeiro, que segundo ela, prevê o acesso em qualquer tempo, bem como a flexibilização e tempo de permanência do educando, ou seja, o educando

pode obter a sua certificação de acordo com o seu ritmo, porque o seu tempo é significativo e especial.

A professora de Pernambuco apontou a necessidade dos trabalhadores de EJA conhecer a legislação da modalidade. Refletir e encaminhar a partir do sujeito e sua necessidade de escolarização, levando em conta a diferença de contexto.

A representante do Amazonas relatou que a EJA começou a ser ofertada com a formação de uma associação de mulheres artesãs, grupo de afro-descendentes e trabalho cultural afro-ameríndios. E que ainda desenvolvem trabalhos sobre discriminação e preconceitos e buscando mapear a baixa renda e o analfabetismo.

Uma das representantes de Piraquara – Paraná levantou que o sujeito não é um, mas vários. Sendo que a questão do aligeiramento e do tempo são importantes de análise, mas que se deve levar em conta, principalmente que a certificação seja de um trabalho de qualidade. Que o aluno é trabalhador, excluído do regular, são senhoras que não estudaram e que se tem necessidade de se saber quais são os seus objetivos. Portanto, como trabalhar com essa diversidade, já que as experiências são diferentes, com idades diferentes e com cargas diferentes. E a EJA deve ser vista ainda como compensação?

O depoimento da representante do Rio de Janeiro – UERJ que tratam com índios guaranis. Que para eles a escola é algo novo, sendo construída recentemente. Tanto que, os direitos indígenas só passam a ser reconhecidos na atual Constituição. Porém, os seus professores são índios guaranis, e a escola atende de 1ª a 4ª séries. E que atualmente formou a 1ª turma com formação de agentes de saúde e saneamento para o trabalho na aldeia. E que há uma parceria com a universidade.

E que os mesmos têm anseios, tais como, como atender outro grupo na EJA? Com desenvolvem um trabalho bilíngüe, intercultural e que utilizam a própria arte como referência.

Já a representante de Rondônia disse que o trabalho lá é só alegria, visto que, a EJA trabalha com mulheres doceiras que tem como objetivo aprimorar a sua arte, que não tem como objetivo só ir a escola para ler e escrever, mas para conseguir companhia, desenvolver cantorias, e que quando não tem aulas ficam muito tristes.

Mesmo o trabalho no presídio aparece como prazeroso, pois existe muito respeito e carinho para com o professor por parte do aluno, pois do ponto de vista que ele está ele leva para a sala de aula, pois ali é o lugar que ele pode ser ouvido e que usa a arte para se expressar.

Em Sergipe segundo a sua representante, a EJA está engatinhando, pois o professor tem nessa modalidade como complemento de sua carga horária. E que o currículo é reduzido, compactado. O trabalho é desenvolvido com trabalhadoras domésticas ou pessoas que trabalham no comércio.

Porém, há uma grande rotatividade dos professores, com grande resistência em mudar a sua metodologia, principalmente os da área de exatas.

Já o representante do Distrito Federal relatou que a rotatividade é constante, não é feito o registro das desistências, não existindo uma política de educação, porém com interesse de mudança. E que fica muito claro a “juvenização” - são jovens com ritmo diferente, sujeitos diferentes, e que até provocam a saída do adulto.

No Pernambuco, segundo a sua representante, há necessidade de formação dos professores para o trabalho, e que o trabalho da EJA é feito com presos, indígenas e movimentos sociais. A escola aberta, mas de que tenha permanência, sendo este o desafio. E preciso que os alunos tenham ensino de qualidade, formando sujeitos com competência mínima que o mundo exige.

Um dos participantes levantou as seguintes questões: Quem são os professores que atuam na EJA? Deve ser especial, ter um perfil, porém ele é indicado, alocado. Necessitando de formação continuada.

No entanto, quem constrói o material da EJA, que deve ter o seu próprio? E que a certificação só deve ser dada, se ele tem condições.

A professora Rosângela do Paraná afirmou que as diretrizes devem ser construídas no coletivo, com eixos como cultura, relação, quem são os sujeitos, etc. E, que o professor deve ser concursado e responsabilidade do Estado fazer a formação continuada.

Muito inquieta e preocupada a professora do Amapá relatou que trabalham com o Brasil Alfabetizado- 6 meses, com lavradores e índios. Com professores da rede e que com 25 alunos uma turma é montada. O governo manda o material escolar e o aluno que não conseguir pode voltar. E para a escola ele vai de canoa, de carro de trem... E que agora ao tomar conhecimento de com a EJA é trabalhada em outros estados ficou angustiada, pois lá seguem as regras do regular (hora aula, dias, conteúdos, currículo,...) e que no relato dos participantes da roda, aparece as diferenças de trabalho, de currículo, de horas. Ficando claro que não há unanimidade no Brasil e que gostaria que todos os presentes conhecessem o que é feito lá.

A professora de Rondônia argumentou que foi colocado na prosa, as experiências de vida de cada um, a sua diversidade, as suas dificuldades. E que enquanto professor não é possível discutir tudo isso.

A professora Maria Rosa do Paraná levantou a questão de que quando se pergunta quem é o sujeito da EJA é necessário que o professor entenda e se veja também como sujeito da EJA. Porém é possível observar que na fala dos mesmos, nem sempre ele se inclui como sujeito.

E, que a Universidade deve trabalhar a formação inicial e continuada do professor de EJA, partindo principalmente de quem é o sujeito da EJA.

O professor do Distrito Federal pediu para complementar a sua fala, já que tinha deixado de comentar o trabalho feito pelos movimentos sociais, tais como o “Cine popular” o trabalho desenvolvido com áudio-visual.

E questionou que “nós discutimos os diferentes sujeitos e onde ficará isso? Será apresentado a plenária? A coordenadora informou que o relato da discussão da roda de prosa irá como anexo no documento final do ENEJA.

Ao finalizar o grupo foi unânime no pedido de que fosse registrado que essa atividade “roda de prosa” foi muito importante, porém que no próximo encontro deve ser respeitado o tempo previsto para a atividade e que seja oferecida no início do encontro. Assim, os participantes interessados poderão durante o desenvolvimento do mesmo, trocar informações sobre as suas experiências.